

Projeto “Ver.e.tes.: educação em tempos de pandemia”: uma experiência no estágio curricular supervisionado

Project “En.tries.: education in times
of a pandemic”: a supervised curricular
internship experience

Proyecto “En.tra.das.: educación en
tiempos de pandemia”: una experiencia
de pasantía curricular supervisada

Tharciana Goulart da Silva¹

Elaine Schmidlin²

¹ Doutoranda em Ensino das Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/UDESC). Atua como professora colaboradora no Centro de Artes da UDESC, no curso de Licenciatura em Artes Visuais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6262703963941419>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2393-5303>
E-mail: tharcianagoulart@gmail.com

² Professora no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais e no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9781556928615419>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7478-1781> E-mail: s.elaine@gmail.com

RESUMO

Este texto apresenta a experiência vivenciada no ano de 2020 em plena Pandemia de COVID-19, do projeto “Ver.be.tes.: educação em tempos de pandemia”, realizada no estágio curricular supervisionado do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). O projeto mencionado buscou por uma profundidade na construção pedagógica e poética, que nem sempre ganha espaço na academia e na formação docente inicial. Neste contexto, a prática artística, provocada a partir de uma experiência de si, impulsionou outros modos de pensar a docência, propondo criar uma forma em ação, ou seja, uma form[ação], sempre em devir. Nesse movimento contínuo, marcas foram produzidas, deslocando as certezas que os estudantes tinham sobre a docência e a vida.

PALAVRAS-CHAVE

Experiência de si; Estágio curricular supervisionado; Licenciatura em Artes Visuais; Formação inicial.

ABSTRACT

This text presents the experience lived in the year 2020 in the midst of the Covid-19 Pandemic, of the project “En.tries.: education in times of pandemic”, carried out in the supervised curricular internship of the Degree in Visual Arts at the University of the State of Santa Catarina (UDESC). The aforementioned project sought for a depth in the pedagogical and poetic construction that is not always given space in the academy and in the initial teacher training. In this context, the artistic practice, provoked from the experience of oneself, propelled other ways of thinking about teaching, proposing to create a form in action, that is, a form[action], always in becoming. In this continuous movement, marks were produced, shifting the certainties that the students had about teaching and life.

KEYWORDS

Experience of oneself; Supervised curricular internship; Degree in Visual Arts; Initial formation.

RESUMEN

Este texto presenta la experiencia vivida en el año 2020 en medio de la Pandemia del COVID-19, del proyecto “En.tra.das.: educación en tiempos de pandemia”, realizado en la pasantía curricular supervisada de la Licenciatura en Artes Visuales en la Universidad del Estado de Santa Catarina (UDESC). El mencionado proyecto buscó una profundidad en la construcción pedagógica y poética, que no siempre gana espacio en la academia y en la formación inicial docente. En ese contexto, la práctica artística, provocada a partir de una experiencia de sí, impulsó otras formas de pensar la enseñanza, proponiendo crear una forma en acción, o sea, una forma[acción], siempre en devenir. En ese movimiento continuo se produjeron marcas, desplazando las certezas que tenían los estudiantes sobre la enseñanza y la vida.

PALABRAS CLAVE

Experiencia de sí; Pasantía curricular supervisada; Licenciatura en Artes Visuales; Formación inicial.

Talvez, a razão da escrita seja mesmo escrever, ou um modo de apenas compartilhar nosso amor ou desamor pelas palavras, ou desassossego por elas, como bem salienta Skliar (2014) em seu livro intitulado *Desobedecer a linguagem*. Com essa premissa, compomos um texto a partir de palavras escritas por duas professoras, no sentido de propor a experiência nos estágios curriculares supervisionados como algo que impulsiona o vir a ser professor. Um professor, o qual compreendemos, em devir constante, pois a form[ação]³ docente, assim como a vida, propaga-se em diferentes versões e configurações que se modificam na paisagem da área de Licenciatura em Artes Visuais; neste caso, especificamente, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), onde ambas são professoras.

Nesta graduação, dois campos em atravessamentos, Arte e Educação, os quais nunca chegam a uma prescrição formal acabada do que seria ser professor, nunca a um ponto de chegada, mas pontos que se diferem toda vez que alguém se experimenta docente no âmbito dos estágios supervisionados. Nesse trajeto, sempre entre dois campos, como as práticas artísticas movimentam a prática pedagógica dos estudantes nos estágios supervisionados? Parece que as respostas não são óbvias; no entanto, trazem alguns questionamentos, os quais nos propomos a conversar no percurso desta escrita, que, para além do questionamento inicial, ocorre em meio a pandemia de COVID-19. Em um momento difícil como este, em que movimentamos nossos fazeres docentes para o modo remoto, em um mundo no caos, tentamos descobrir, no meio de uma trama de forças vivas em constante movimento, outros modos de ser professor.

Ao escrevermos este texto a partir de nossas experiências, ele também inscreve em nós outros possíveis, uma vez que escrever é escrever-se ou inscrever-se; algo passa por ela e nos movimenta em outros caminhos que nos levam a esta formação, por vias muito diferentes, assim como nossos estudantes de graduação. Como cita Pereira:

Esta escrita tem muito disso. [...] Ela é um esboço, um desenho de um estado de mim em formação. Se, por um lado, lanço mão do passado, de experiências realizadas e de leituras feitas, é para demarcar uma posição que, de fato, começo já a abandonar. O que fui, o que tenho sido, não é o que sou. O que sou é outra coisa daquilo que fui. O que sou é já estar deixando de ser o que vinha sendo e estar já vindo a ser um novo de mim. Minha escrita me antecipa, revela-me potências (2013, p. 170).

Portanto, o que se constitui como professor é uma marca produzida no sujeito que não cessa de proliferar, pois não é uma vocação, nem uma identidade ou destino, como cita Pereira (2013), que a denomina como sendo *professoralidade*. Desse modo, buscar a form[ação], especialmente no momento dos estágios supervisionados, é ativar esta marca junto às singularidades de cada um quando se experimentam como professores nos estágios. Nessa condição, podemos pensar esta marca como

3 Compreendemos com o termo form[ação] o processo de constituição do ser professor em um movimento contínuo.

constituidora de uma estética de si, como possibilidade de existência, ou como prática de um sujeito, definida também por uma questão ética, ou seja, como, com o que estou sendo, venho a intervir no mundo. Essa experimentação não é apreendida para ser reproduzida ou simplesmente passivamente transmitida, pois ela acontece para recriar e potencializar a diferença em outras vivências. Como afirma Lopes (2007, p. 27), “aprender com a experiência é, sobretudo, fazer daquilo que não somos, mas poderíamos ser, parte integrante de nosso mundo. A experiência é mais vidente que evidente, criadora que reprodutora”.

Com essa perspectiva, apresenta-se o projeto “Ver.be.tes.: educação em tempos de pandemia”, desenvolvido pela Professora Tharciana Goulart da Silva junto aos estudantes da disciplina *Estágio Curricular Supervisionado IV* do curso de Licenciatura em Artes Visuais/UDESC⁴. Este projeto se constituiu a partir de uma experimentação de si que, ao se configurar, produziu efeitos de sentido capazes de potencializar outros modos de vir a ser professor na contemporaneidade.

Projeto Ver.be.tes.: educação em tempos de pandemia

Em março de 2020, fomos acometidos por um momento de ruptura: a pandemia de COVID-19 impactou em nossas vidas, desestruturando os modos de ver e estar no mundo, bem como os modos de compreender-se professor. Na UDESC as aulas foram suspensas. Foi necessário um momento de refazer-se, de repensar-se. Meses após essa interrupção, os encontros foram retomados de forma remota, assim como ocorreu em outras universidades.

As mudanças institucionais afetaram toda a esfera da educação; os problemas sociais saltaram aos olhos e, mais uma vez, enfatizaram os lugares de privilégio que são mantidos em nossa sociedade. Não foi possível retornar às aulas apenas adaptando os formatos já existentes; foi necessário rever planejamentos e atentar-se à tensão instaurada.

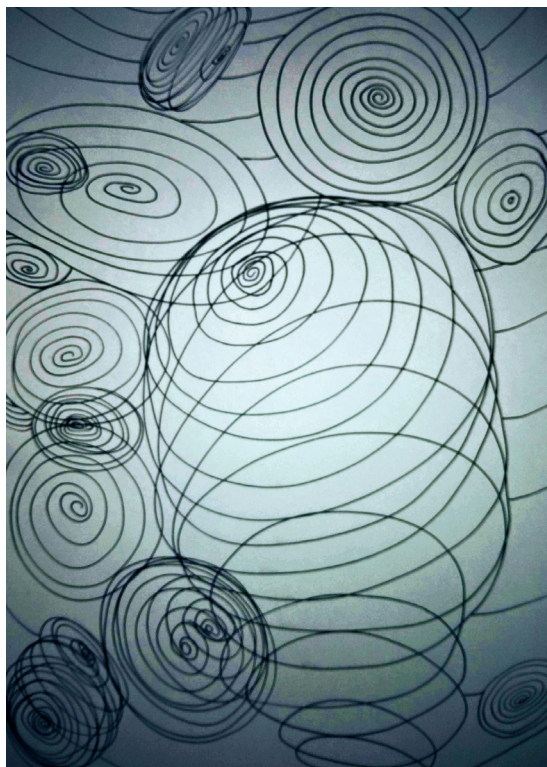
Nesse contexto, no primeiro semestre letivo de 2020, foi desenvolvido o projeto “Ver.be.tes.: educação em tempos de pandemia”, junto aos estudantes da 7ª fase do curso mencionado anteriormente. O projeto trouxe como proposição a criação de verbetes relacionados à educação. Os estudantes foram convidados a escolher palavras e desenredar seus sentidos. Para isso, não foi sugerida uma lista de palavras, mas sim proposto que cada um escolhesse uma que estabelecesse relação com a educação para si, bem como com o momento vivido. Assim, sugeriu-se a fuga do comum na tentativa de impulsionar um processo de singularidade que permitisse aos estudantes expor suas tramas com a docência.

4 O curso de Licenciatura em Artes Visuais – UDESC conta com 400 horas de estágio curricular supervisionado, sendo dividido nas seguintes disciplinas: Estágio Curricular Supervisionado I (4ª fase, com foco em Educação Infantil), Estágio Curricular Supervisionado II (5ª fase, com foco em Ensino Fundamental – Anos Iniciais), Estágio Curricular Supervisionado III (6ª fase, com foco em Ensino Fundamental – Anos Finais) e Estágio Curricular Supervisionado IV (7ª fase, com foco em Ensino Médio e EJA).

Durante a apresentação do projeto aos estudantes, foram feitos os seguintes questionamentos: Como perceber a complexidade e a diversidade do fazer docente nos tempos atuais? As palavras ganham novos sentidos no contexto em que vivemos? Como olhar para este estado dispersivo e criar reconfigurações? Sugeriu-se aos estudantes iniciar o verbete pela criação de uma imagem relacionada à palavra escolhida para, em um segundo momento, desenvolver o texto. Outra sugestão foi ir além dos excessos de razão e rigidez acadêmica, pois este exercício poderia permear uma escrita poética e uma experimentação de si.

Nesta trama, foram construídos verbetes com as seguintes palavras: *adaptação, ajuda, angústia, ansiedade, dificuldade, distância, fragilidade, flexibilidade, proteção, encapsulamento, resistência, tempestuoso, tempo e vínculo*. A escolha das palavras, em um primeiro olhar, não se relaciona com a educação. Os estudantes não optaram por palavras óbvias tocantes ao tema como, por exemplo: 'escola, sala de aula, didática, encontro, metodologia', entre outras. Entretanto, a leitura dos verbetes possibilitou perceber que a educação aparece nos escritos de diferentes formas, pois os textos distanciaram-se do corriqueiro e adentraram no espaço complexo de práticas da vida e da docência. Ficou evidente que o tempo pandêmico colocou em jogo as certezas e as rotinas, desestabilizou os modos de convivência, e fez com que esses estudantes, em formação inicial, evidenciassem outras camadas da *professoralidade*. É este contexto que se faz presente nos verbetes.

A seguir, apresentam-se os verbetes *Tempo* de Ligia Brito, *Flexibilidade* de Leonardo Viricimo e *Dificuldade* de Luanda Rainho Ribeiro⁵:



⁵ Para este artigo, optou-se pela escolha destes verbetes, no entanto, o leitor pode acessar as outras produções no site: <https://galeriajandiralorenz.wixsite.com/verbetes>. O uso dos verbetes aqui apresentados (imagem e texto), bem como a revelação da identidade, foi permitido pelos autores.

[Tempo] Ligia Brito

A professora corre para pegar o ônibus, corre pra mandar o e-mail, corre para reservar o projetor, corre para atualizar o sistema.

Em tempos de isolamento social, corre menos ou corre mais? Corre sentada. Corre para dar conta de si.

O tempo cronológico é implacável e a burocracia rouba a fluência da criatividade.

Regularize todas as suas pendências. Operação em andamento permanente.

PDF, PPTX, PNG, JPEG, TIFF, RAW, ABNT. Caráter sequencial do excesso.

Os algoritmos levam a pesquisas infinitas.

A ciência seleciona, organiza, tritura, mói, rotula. A academia cria a ilusão de que a pesquisa não terminada vai fazer a abelha parar de zunir.

As sutilezas das conexões criadas sopram aos ouvidos da memória, se tornando presentes nas sensações. A ideia da aula vem no banho ou cortando cebola.

Para fazer o tempo oportuno, possibilitar ampliar os desdobramentos do eu. Sem que o peso do tempo criado para satisfazer as ilusões do outro dite o ritmo das passadas.

A escola é oráculo do presente – contém a novidade das gerações do agora.

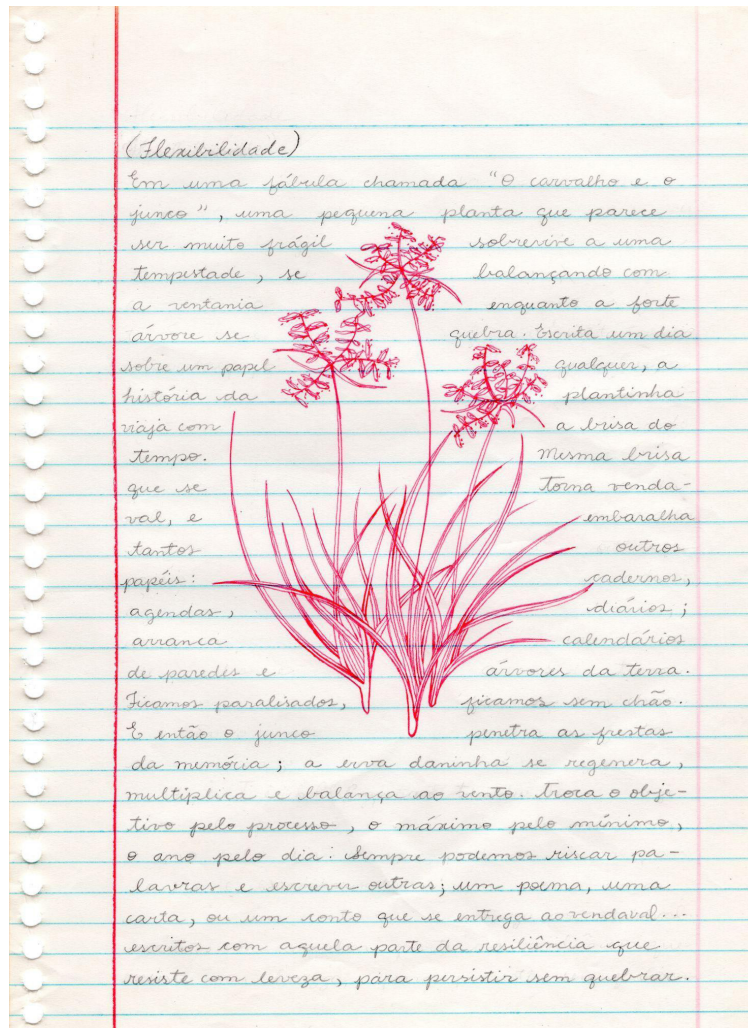
A quantidade de tempos na sala de aula é o mesmo da lista da chamada +1.

Malabarismos espontâneos de subjetividades: o tempo de escola é pertencente ao domínio da poesia.

45 minutos para criar um sentido, uma direção. Quais teus planos para o futuro? Qualificar o tempo é também qualificar o vazio.

Respiro... busco a experiência da arte.

Urgente. Urgente.



[Flexibilidade] Luanda Rainho Ribeiro

Em uma fábula chamada "O carvalho e o junco"* , uma pequena planta que parece ser muito frágil sobrevive a uma tempestade, se balançando com a ventania enquanto a forte árvore se quebra. Escrita um dia sobre um papel qualquer, a história da plantinha viaja com a brisa do tempo.

Mesma brisa que se torna vendaval, e embaralha tantos outros papéis: cadernos, agendas, diários; arranca calendários de paredes e árvores da terra. Ficamos paralisados, ficamos sem chão.

E então o junco penetra as frestas da memória; a erva daninha se regenera, multiplica e balança ao vento. Troca o objetivo pelo processo, o máximo pelo mínimo, o ano pelo dia. Sempre podemos riscar palavras e escrever outras: um poema, uma carta, ou um conto que se entrega ao vendaval... escritos com aquela parte da resiliência que resiste com leveza, para persistir sem quebrar.

* Fábula de Jean de La Fontaine (1621-1695).



[Dificuldade] Leonardo Viricimo

Acorda; filtro no coador; 3 colheres de pó. Até aí tudo bem, mas depois? Inicializa o computador, desbloqueia o celular, abre o moodle. Fecha o moodle; vai à cozinha; liga o forno. Almoço pronto, agora tá simples, comer é bom demais. Mas e depois? Abre o zoom, aceita os alunos, mas a Luísa não tá conseguindo entrar. Milton, você avisa pra Luísa que ela pode sair da sala e entrar de novo, aí a gente vê se aparece aqui. Luísa entrou na sala. Acaba a aula; desliga o zoom; esquentar a chaleira; filtro no coador; 3 colheres de pó. 18h45 é hora da outra aula, essa é no Jitsi; abre o jitsi; todo mundo entrou, deu tudo certo dessa vez. A Júlia avisou que tá cortando o microfone, vocês ouvem agora? Acho que a internet caiu. Tira o cabo do modem; espera 10 segundos; coloca o cabo de volta no modem; reinicia o computador; digita a senha; continua sem internet. Tira o cabo do modem; coloca o cabo de volta no modem; reinicia o computador; senha; sem sinal. Desiste da aula, e agora? Coloca a gravação no moodle e alterna entre aulas e trabalhos, leituras e afazeres domésticos. Filtro no coador; 3 colheres de pó, último café do dia. Liga o fogão; janta pronta. Mesa posta. Agora é fácil, comer é muito bom.

Após a elaboração dos verbetes, os estudantes da disciplina de estágio apresentaram suas produções em aula. Posteriormente, um deles, sentindo-se tocado pelo verbete *Tempo* de Ligia Brito, decidiu ler o texto e realizar uma gravação em áudio compartilhando-a com a turma. Essa ação, que ocorreu de modo orgânico, culminou

na gravação de todos os verbetes. Os estudantes trocaram entre si os textos. Cada um dos escritos ganhou a voz de um colega e mais uma camada de sentido. Logo após, o projeto desdobrou-se em uma exposição virtual⁶ apresentada no espaço da Galeria Jandira Lorenz do Departamento de Artes Visuais (DAV-CEART-UDESC), onde a produção foi disponibilizada ao público em geral.

Dificuldade, flexibilidade, tempo...

Palavras que também atravessam o espaço do professor e da educação, produzindo marcas, como no exercício docente realizado pelos estudantes. Uma marca é sempre um processo inédito que se produz em nossos corpos a partir das composições que fazemos com elas e com as coisas do e no mundo. Cada uma das palavras escolhidas sintetiza ou instaura uma abertura para a criação de algo novo, pois as marcas produzidas são sempre gênese de um devir, sendo que ela permanece e vai sendo ativada, ou volta a reverberar quando atraída por ambientes em que encontra ressonâncias.

De certo modo, a formação dos estudantes e sua subjetividade foi abalada por uma tensão (COVID-19) que os desestruturou, pois todos experimentamos o caos das forças que, de uma forma ou de outra, interferem em modos cristalizados de sermos sujeitos e/ou professores. Certamente, essas forças foram capazes de organizar outros modos de ser e estar no mundo de uma maneira geral, em que foram ou são produzidos *re-arranjos*, *re-organizações*, ou seja: diferenças são incorporadas ao estado identitário, antes, totalmente, fixadas em um modelo específico. As marcas ou as palavras, ao se revelarem, tornam-se dispositivos⁷ que fazem com que a diferença produzida caminhe no sentido de intensificar outros modos de ser/estar no mundo, pois a marca ou, neste caso, a palavra, é um estado de prática do sujeito que tende a vibrar com mais intensidade interagindo na zona de subjetivação⁸. Segundo Pereira (2013), seria a professoralidade esta marca que instaura no sujeito em form[ação] docente essa possibilidade do vir a ser outro em constante devir.

Nos encaminhamentos dos verbetes, percebe-se que a vida e à docência caminham juntas, percorrendo “lugares abandonados, corredores escuros por onde o corpo não pode passar [...] Mas a vida significa tantas coisas [...] dizer o que já foi dito, mas com outras palavras” (SKLIAR, 2014, p. 106).

Nos verbetes escolhidos, pode-se perceber que a vida pulsa na form[ação]

⁶ A exposição pode ser acessada em: <https://galeriajandiralorenz.wixsite.com/verbetes>.

⁷ Para Agamben, seria “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (2009, p. 40).

⁸ Agamben, a partir de Foucault, diz que o sujeito resulta da relação entre os vivos e os dispositivos que se sobrepõem um ao outro, mas não completamente. “Neste sentido, por exemplo, um mesmo indivíduo, [...] pode ser o lugar dos múltiplos processos de subjetivação [...]. Ao ilimitado crescimento dos dispositivos no nosso tempo corresponde uma igualmente disseminada proliferação de processos de subjetivação” (2009, p. 41).

docente em Artes Visuais. Ligia Brito (2020) comenta sobre o tempo em que:

As sutilezas das conexões criadas sopram aos ouvidos da memória, se tornando presentes nas sensações. A ideia da aula vem no banho ou cortando cebola.

Para fazer o tempo oportuno, possibilitar ampliar os desdobramentos do eu. Sem que o peso do tempo criado para satisfazer as ilusões do outro dite o ritmo das passadas.

Desdobrar o tempo do eu para sentir a sutileza das sensações em que aulas são pensadas em tarefas cotidianas sem o peso do tempo cronológico. Outra temporalidade para o professor, sugerindo um tempo que marca outro momento de viver a vida e à docência. Como na música *Oração ao tempo* (2005) de Caetano Veloso, “[...] quando eu tiver saído para fora do teu círculo, tempo tempo tempo tempo, não serei nem terás sido... tempo tempo tempo tempo... [...]” A imagem que acompanha o verbete de Ligia Brito traz desenhos de espirais em encontros e desencontros, talvez sugerindo também esse tempo em movimento contínuo.

No verbete *Flexibilidade* de Luanda de Oliveira (2020), a imagem de uma pequena planta, desenhada em linhas orgânicas, aparece sobreposta a uma folha pautada, contrastando com suas linhas retas. Ao fundo do desenho, a história de uma plantinha que viaja na brisa do tempo. Analogamente, podemos perceber que a intensidade da palavra escolhida pela estudante exige do exercício docente a flexibilidade, instaurando a marca na gênese de uma docência que se recria e torna-se mínima, leve como pluma ao ser levada pelo vento, sem o peso de uma única identidade. Como escreve Luanda (2020), “[...] Troca o objetivo pelo processo, o máximo pelo mínimo, o ano pelo dia. Sempre podemos riscar palavras e escrever outras: um poema, uma carta, ou um conto que se entrega ao vendaval... [...]” Pois *que venham os ventos*⁹ a desestruturar as certezas sobre formação docente no sentido de produzir outras formas em ação ou, como preferimos, form[ação].

No verbete *Dificuldade*, encontramos a sutileza de uma rotina que se programa no cotidiano entre os afazeres domésticos. A imagem de uma colagem digital de diferentes botões remete às rotinas cotidianas, o entrar e o sair dos eletrônicos e a presença constante destes meios na vida pandêmica. O que sugere não haver mais limites para as coisas acontecerem; imprevistos e situações diferentes ocorrem nas aulas e na vida, uma vez que também nos ocupamos com a tecnologia junto à alimentação e à limpeza diária, embaralhando nossos fazeres e afazeres. Neste momento, nossas certezas sobre os acontecimentos em sala de aula e também fora dela já não são as mesmas; questionamos o nosso fazer docente. Por um lado, parece ruim esse estado de coisas, por outro, nos impulsiona a tomarmos outras decisões ou mesmo para re-pensarmos os modos docentes.

⁹ Título de artigo que trata sobre as políticas educacionais de formação e suas imposições representacionais (SCHMIDLIN, 2019, p. 124).

Uma experimentação de si

Na perspectiva de Pereira (2013), um dos meios de fugir do identitário, do estereotipado e dos modelos é através da experimentação de si. Essa experimentação possibilita a produção de diferenças e a fuga das repetições, daquilo que é imposto socialmente sobre o que é estar sendo professor. Na busca dessas diferenças é que se configurou o projeto “Ver.be.tes.: educação em tempos de pandemia”. Como demonstrado nos textos elaborados pelos estudantes, a atenção foi direcionada para as possibilidades poéticas da escrita e da imagem. Assim, os textos se configuraram enquanto processos singulares que buscavam uma narrativa sensível como um exercício de pensamento.

A prática artística desta proposta movimentou outros modos de pensar a docência e a prática pedagógica. Durante o projeto, os espaços de pensamento artístico e docente romperam com modelos ou formas de perceber a educação e a arte. Nesse deslocamento, reafirmamos o espaço da Arte Educação e a possibilidade do olhar singular para a produção poética na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado. Os estágios não se configuram apenas como atuação docente supervisionada, mas como um modo de experimentar-se, de buscar as possibilidades da experiência que nos oferta a arte, as quais são urgentes, como salienta Ligia Brito em seu verbete *Tempo*.

Com a finalização do projeto, percebeu-se que os escritos dos estudantes direcionaram o olhar para as próprias práticas, para aquilo que se está sendo e o que pode vir a ser, sem estagnação ou finalização, mas com flexibilidade em meio às dificuldades de nosso tempo. É nesta paisagem que compreendemos a docência em arte: um espaço para as práticas poéticas e para a produção da diferença.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

LOPES, Denilson. **A delicadeza:** estética, experiência e paisagens. Brasília: Editora da Universidade de Brasília: Finatec, 2007.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade:** um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

SCHMIDLIN, Elaine. Que venham os ventos! In: MARTINS, Mirian Celeste; FARIA, Alessandra A. de; LOMBARDI, Lucia Maria S. dos Santos (orgs.). **Formação de Educadores:** contaminações interdisciplinares com arte na pedagogia e na mediação cultural. São Paulo: Terracota Editora, 2019.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem: educar**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

Submissão: 03/02/2022
Aprovação: 28/02/2022